



POR MISSIVAS E RECORDAÇÕES: MOTIVAÇÕES DE UMA EMIGRAÇÃO QUIXADAENSE PARA SÃO PAULO.

BY LETTER AND MEMORIES: AN IMMIGRATION REASONS FOR SÃO PAULO QUIXADAENSE.

Vilarin Barbosa Barros*

RESUMO: O objeto que estudamos em nosso artigo são as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Temos como fontes, principalmente: correspondências e entrevistas. Para este momento privilegiamos parte da trajetória de vida de uma migrante nascida em Quixadá-Ce. De fato, Margor-Marly, pseudônimo, é a protagonista de nossa trama e os antecedentes de uma emigração para São Paulo é que buscamos rastrear. Através da comparação de indícios, memórias, e mais, dos rastros, dos sinais deixados na estrada de uma vida é que enveredamos nossa história buscando contar, tramar, enredar e problematizar uma história de migração marcada por sensibilidades.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Trajetória de vida; Representações; Sensibilidades.

ABSTRACT: The object that we study in our article are the representations of the lives of migrants quixadaenses on São Paulo. We as sources, mainly: correspondence and interviews. For this moment privileged part of the life histories of migrants born in a Quixadá - CE. In fact, Margor-Marly, pseudonym, is the protagonist of our story and a history of emigration to São Paulo is that we seek to trace. By comparing evidence, memories, and more of the traces, the traces left on the road to a life that we take our history trying to tell, plot, plot and problematize a migration history marked by sensitivities.

KEYWORDS: Migration, Life path; Representations; Sensitivities.

1. INTRODUÇÃO¹

Como objeto de estudo: as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo. Entrevistamos doze pessoas para o desenvolvimento inicial do trabalho: oito homens e quatro mulheres.

Utilizamos como ferramenta teórica a ideia de representação, conceito que traz ambivalências e ambiguidades em sua terminologia, pois, ao mesmo tempo em que se deseja

* Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Atualmente é professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú/ IDJ – Iguatu - CE. E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br

¹ Este artigo, aqui atualizado, foi apresentado na mesa redonda: “Nos entremeios da História e da Cultura: o oral, o visual, o escrito e o material”, na ocasião da VIII Semana de História da FAFIDAM /UECE e II Simpósio de Estudos Históricos, no ano de 2011 na cidade de Limoeiro do Norte – CE.



apresentar e falar de algo ainda presente, se remete também a um ausente. Assim, representação é “tanto exposição e presença quanto ausência e referência a um outro distante” (PESAVENTO, 2007, p. 3), que por vezes se mostra um estranho, se manifestando no presente e com facetas de passado.

As representações em nosso trabalho devem ser entendidas em seu contexto de produção, enquanto reveladoras de significados, a partir de suas funções simbólicas e das “formas de comunicação onde circulam” (ALEXANDRE, 2004, p. 131).

Dessa forma, como perspectiva que adotamos, entendemos através da História Cultural “a realidade do passado por meio de suas representações” (PESAVENTO, 2003, p. 42), tentando com isso entender um outrora, uma alteridade que se distingue do presente e mais, parece se constituir enquanto reduto de sensibilidades.

Para abordar nosso objeto e entendermos os processos em que se estabeleceram as relações que estudamos pelas representações, privilegiamos neste escrito, a trajetória de vida de Margor-Marly. Quixadaense, filha de agricultores, de uma família de nove irmãos, ela, mãe de família, casada há 29 anos, com três filhos e sendo avó, estando com seus 58 anos de vida, nos contou suas experiências como migrante² e disse que transitou, entre meados de 1970-1980, “sete vezes mais ou menos”, nos caminhos de Quixadá-Ce a São Paulo. Ela vive em sua terra natal desde junho de 1986. Reside em Quixadá, especificamente, no pequeno distrito de Custódio, que tem uma população de pouco mais de 4.000 habitantes, segundo o último relatório do IBGE, e está localizado no Sertão Central cearense.

Nossa entrevistada nos pediu que fôssemos sigilosos, discretos com seu nome, sua identidade ou, em suas palavras, que tivéssemos cuidado para “não dar muita bandeira”, pois, dos fragmentos que deixou na estrada de sua vida, poderiam emergir histórias de amores, revelações de segredos de outros tempos, as vezes tão estranhos ao presente.

Negociamos com ela, para a edição de sua história, sujeitos com nomes fictícios, inclusive o dela, que retiramos de uma carta datada de dezessete de maio de 1974, a qual foi enviada a sua pessoa; assim, Margor- Marly é o seu nome, e da trajetória de sua vida é que partimos, neste escrito, para analisar nosso objeto de estudo.

² Todas as informações sobre “Margor- Marly” referem-se às épocas evocadas por ela, quando a entrevistamos em sua casa, no Distrito de Custódio. As entrevistas foram concedidas nos dias dez, onze de abril e treze de junho de 2009, sendo realizadas pelo autor.



Vale salientar ainda que não temos a intenção de fazer uma biografia da nossa entrevistada, mas acompanhar ou rastrear seu itinerário individual, envolvido pelo social, onde podem se processar “múltiplos cruzamentos de experiências, a mostrar a teia emaranhada que situa um personagem em seu contexto”(PESAVENTO, 2008, p.16). Um “contexto” (REVEL, 1998, p. 27) heterogêneo, poroso, composto de múltiplas experiências e representações, contraditório e lacunar, pensado e tecido com as fontes.

Assim, é necessário dizer também que, antes mesmo de entrevistarmos Margor-Marly nos meses de abril e junho de 2009, ela doou, para o autor, conhecido seu desde pequeno, um pacote que podemos também entender como sendo o seu baú, que continha inúmeros documentos, dentre eles: cartas de amores; mais de 40, cartões com felicitações, fotos, recibos, uma única folha de um livro, um contrato de trabalho, etc., que pareciam rastros de uma vida, contidos num baú há tempo fechado. A doação, que significava também um gesto de confiança, depois de confidências expressas nas entrevistas, nos despertou ainda mais o desejo em “decifrar o eco de antigas palavras, fragmentos de cartas”³, marcados por emoções, sensações ou, especificamente, pelas sensibilidades, entendidas como:

[Uma] espécie de assalto ao mundo cognitivo, pois lidam com as sensações, com o emocional, com a subjetividade. As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, a si próprios e ao mundo, comparecendo como uma área de tradução da realidade através das emoções e dos sentidos. (PESAVENTO, 2008, p. 14).

Sentidos que, materializados nas fontes, podem ser traduzidos e pensados no presente, nos levando a compreender marcas de uma experiência sensível, “de princípios e valores que marcam a conduta e que motivam” (PESAVENTO, 2008, p. 14) ações. Em se tratando de motivações e ações, por que quixadaenses migraram semelhantes a Margor-Marly, rumando a São Paulo?

Temos como fontes correspondências e entrevistas, principalmente. Partindo delas formulamos ainda uma segunda questão: que cidade a análise desses vestígios pode revelar?

³ BUARQUE, Chico. Futuros Amantes. Intérprete: Chico Buarque. In: **PARATODOS**. Gravadora/ Selo, SONY/RCA. Ano 1993, faixa 9 (3 min 31 s). Disponível em:<[http://www.radio.uol.com.br/#/ musica/chico-buarque/futuros-amantes/12396](http://www.radio.uol.com.br/#/musica/chico-buarque/futuros-amantes/12396) >. Acesso em: 2 ago., 2011.



As respostas tendem a se mostrar em fragmentos, por meio da tessitura de “retalhos” deixados na estrada da vida, ou até mesmo, num gesto cuidadoso ao vasculhar as bagagens de sujeitos que acumularam experiências com a migração. Das falas sobre o passado reluz também um presente e, dos presentes de um pretérito, materializados muitas vezes pelas missivas, sensibilidades de outrora parecem marcar o agora. Comparando e contrastando essas fontes, tendo como perspectiva a História Cultural, visamos compreender, partindo das representações, de histórias sentidas e vividas, facetas de cidades e de uma migração.

Mas, como compreender possíveis sentidos de uma migração? Por onde começamos nossa investigação?

Podemos primeiramente, sem maiores delongas, trilhando a trajetória de vida de Margor-Marly, pegar um atalho para sermos informados sobre o porquê, perguntando a ela mesma, das motivações de um migrar, e principalmente neste artigo, a razão dela sair de sua terra natal rumando a São Paulo.

Ora, era o mês de julho de 1976, Margor-Marly tinha 25 anos e via sua conterrânea Graça, de férias, vinda de São Paulo, em sua terra natal. Então, a personagem principal de nossa trama nos conta que não hesitou no retorno de Graça à cidade paulista, partiu, foi embora acompanhada de sua amiga, e isso, ela decidiu “do nada”, pelo menos assim nos contou nossa entrevistada.

Agora, por meio de uma seleção de fontes e recorte temático, urdindo um enredo, comparando, contrastando e justapondo os indícios que temos em mãos, pretendemos, no construto deste texto, trabalhar uma história enquanto “ficção” sim, mas, uma “ficção controlada” (PESAVENTO, 2003, p.58) pelos modos duma “operação histórica” (CERTEAU, 1998). E mais, intentamos também jogar com o possível, com o plausível, com uma história que enseja a verdade...

Quanto a Margor-Marly, ela ainda acrescentou, ao recordar a decisão daquele mês de julho de 1976, mais algumas peculiaridades sobre sua pessoa:

Minhas coisas é assim eu vou fazer e ninguém sabe. Minhas coisas sempre foram assim. Só quem sabia mesmo era o papai e a mamãe que eu ia com a Graça. Do nada, eu vi a Graça aí eu fiquei com aquela vontade de ir-me embora pra São Paulo, e fui!



Quando se recorda não há nada essencialmente, que defina uma recordação de fatos que aconteceram de recordações absurdas, ou seja, das que não se consumaram factualmente. Porém, sabemos que “quando recordamos, elaboramos uma representação de nós próprios para nós próprios e para aqueles que nos rodeiam” (FENTRESS e WICKHAM, s.d, p. 20).

É por esse viés que vemos o trecho supracitado da entrevista de Margor-Marly; ela representa sua pessoa como convicta, discreta e com certa independência para seguir os caminhos que escolheu em sua vida, apenas precisando comunicar aos seus pais. Mulher de improviso, decidida, foi com tudo e, “do nada”, sentiu uma vontade repentina de deixar sua terra natal; pensou em ir embora “pra São Paulo” e foi!

Será que essas foram às razões de uma migração? E os sentimentos?

Parece mesmo que para melhor estudarmos nosso objeto de pesquisa partindo da análise da trajetória de vida de Margor-Marly, será necessário rastrear as sensibilidades de outrora, na tentativa de, pelas fontes, principalmente as correspondências, traduzir uma alteridade, um passado com suas lógicas e valores, que possivelmente compreendeu a vida de nossa protagonista. Nesse ato de rastrear o pretérito, comecemos por uma missiva...

2. Antecedentes de uma migração.

Dezoito de março de 1972. Margor-Marly, “pela primeira vez que faco-me presente, que para você tudo seja, alegria! alegria! alegria! Como diz o nosso bom Caetano Veloso”. Essas são as saudações de Flávio, saudoso e com algumas queixas, inclusive, por estar longe de sua amada que se encontrava em Fortaleza. Ele continua: “Aqui últimamente está ruim pacas, mas mesmo assim continuo acendendo velas prá fazer promessa. Soube que vai estudar parabéns (...) Breve irei á Fortaleza”.

Depois de informar a Margor-Marly que pensa em ir em breve à capital cearense, Flávio conclui sua carta: “Até logo e uma beijoca na ponta do nariz e uma dentada no dedão do pé”. Não seria a última vez que eles se corresponderiam...

As correspondências nos permitem explorar aspectos de relações “inatingíveis em pesquisas macro-históricas, devido em parte à intimidade entre os correspondentes” (BATISTA, 2006, p. 22). A escrita de Flávio além trazer elementos que indiciam o grau de intimidade entre



ele e Margor-Marly, transparece valores religiosos – “fazer promessa” – que fizeram parte do universo social em que se encontrava nossa personagem.

No dia 31 de maio de 1972 Margor-Marly ainda se encontrava em Fortaleza, conforme carta; ela informa aos seus pais que não poderá passar as férias de julho daquele ano em Quixadá, pois, estava estudando. Em sua saudação não se esquece de pedir a benção de seus pais: “Querida mamãe, Mamãe e papai me abeçôe”, e eles possivelmente não se esqueceriam de abençoá-la: “Minha Quirida [Margor] Deus ti abençoi”, como o exemplo de uma missiva datada de 16 de março de 1972.

Parece que os projetos de vida, do primeiro semestre de 1972, estavam bem sucedidos, apenas a distância da família é que incomodava a jovem de 21 anos e seus familiares. Mas sua mãe não se esquecia de escrever dando notícias: “eu e seu pai sempre dis asím ohó saudades da [Margor]: quando o Radio toca aquelas música parecida com você eu chóro escondido do seu pai para ele não chorá mais estude (...) O jeito suporta as saudades” (Carta datada de 16 Mar. 1972). Trecho que fala de saudade, essa que se apresenta muitas vezes numa ausência. Saudade, sentimento ambíguo que pelas lembranças traz consigo alegria, porém, ela se desvanece em virtude da distância do sujeito amado.

A mãe de Margor-Marly, Maria, sentia saudades da filha, mas, entendia que era necessária aquela distância, apesar de estar saudosa e chorando. E escrevia, pois como sabemos o exercício da escrita de “si e também a escrita epistolar podem ser (e são com freqüência), entendidas como um ato terapêutico, catártico, para quem escreve e para quem lê” (GOMES, 2004, p. 19-20). A remetente em seu ato da escrita aproveita a missiva e tece conselhos seguidos de elogios à pessoa que se corresponde:

Viva sempre direitinha der gosto a nois e os seus padrinhos Lça a comadre (...) escreva (...) fiquei satisfeita em saber que vai todos os domingos a missa Deus comerve sempre religioza e estudioza envio 500 mil para você. (Carta datada de 16 Mar. 1972)

Pelas correspondências de 1972, consta-se também que Margor-Marly recebeu notícias de “sua irmã saudosa”, Jandira, no dia 19 de março: “Aqui como diz o [Flávio], está mesmo ruim, mas sempre vou a Quixadá [Município]. O último dia de carnaval brinquei um lál! [Margor,] depois que você saiu já fui a tertúlia umas 3 vezes”.



As tertúlias, que compuseram a trilha sonora de sua juventude, marcam ainda hoje as recordações de Margor-Marly. Mas, sobre isso vemos o que ela nos contou: “era tipo uma rádio. Aí sempre tinha um programa que era só música, a gente botava, sintonizava ali naquele rádio, aí nós ia mais o povo dançar”. É assim que ela descreve o tempo das tertúlias e fala do lazer em torno do rádio ao nos conceder uma entrevista, em 13 de Junho de 2009, em sua casa, sobre as cartas de seu “baú”. As missivas pareciam potencializar a narrativa da entrevistada reavivando suas lembranças e fazendo com que ela, em sensações, reacendesse seu passado, e mais, se encontrasse com ele, há muito tempo adormecido, ou talvez, apenas escondido em seu ser: “Valha meu Deus! Menino quem foi que mandou tu descobrir essas coisas?!” Voltemos as cartas de 1972...

Não é à toa que depois de passado décadas Margor-Marly tenha salvado mais de 40 cartas em seu “baú”, assim como não é aleatoriamente que atentamos para as cartas do Flávio e dos familiares de Margor. Deles, ela recebia notícias de conterrâneos, de amigos e amores.

A família, em seu caso específico, atribuíra muito dos papéis que ela deveria seguir em sua vida, como: viver sempre “direitinha” se conservando “religiosa e estudiosa” (sic), pois isso, segundo os conselhos de sua mãe, daria muito “gosto” aos seus entes queridos. De fato, “o exemplo mais óbvio de uma instituição composta de um conjunto de papéis mutuamente dependentes e complementares é, com toda certeza, a família” (BURKE, 2002, p. 79). Ela dera suporte, seja afetuosamente ou financeiro, para que Margor-Marly seguisse seus projetos de vida, “envio 500 mil para você (sic)” (Carta datada de 16 Mar. 1972). E também, agradecia quando ela por ventura veio a retribuir: “sin o [João] tirou o dinheiro muito obrigado, Deus te ajude” (Carta datada de 05 Jan. 1977).

Quanto ao Flávio constam-se seis expressivas cartas que registram um momento da vida de Margor-Marly. A primeira, datada de 18 de março de 1972, a sexta datada de 16 de março de 1974. Elas falam de amores, de encontros e desencontros, elas falam de uma época e trazem consigo histórias de uma relação.

Depois da primeira carta do Flávio, encontramos uma outra referente ao dia do aniversário de Margor-Marly, ela já se encontrava em Quixadá, no mês de dezembro de 1972, onde moraria até 1976 antes de ir para São Paulo . Era o dia em que sua amada completava 22 anos de idade. Então, Flávio quisera felicitá-la:



Parabéns. Há dias em nossa vida que comemoramos uma data: - sua data, minha dada nossa data. Hoje não comemoramos uma data, mas sim, uma grande data. “Sua data”, seu aniversário. Não era propósito meu, fazer-me ausente neste dia, mas algo superior, fez com que aquilo de maior importância fosse colocado em segundo plano. Tornando impossível a minha presença hoje aí, quero fazer representar-me através desta, enviando juntamente com aquele beijo, parabéns e desejos afim de que esta data seja para si, um marco de satisfação e uma oportunidade para agradecer a Deus por conservá-la forte, sadia, otimista e bonita (deixa cair) afim de que possa desfrutar tudo de bom que a vida lhe reserva. Ria! Ria! Ria! ria por você e por mim é o meu desejo (...)

A todos que compõem sua família os meus cumprimentos. E a você uma beijoca bem quente na ponta do nariz. O seu [Flávio] (Carta datada de Dez. 1972)

No fragmento de discurso amoroso supracitado há em si um texto codificado – “deixa cair” – e consigo uma carga de “vontade de significar o desejo” (BARTHES, 2003, p.45), de representá-lo por meio da missiva fazendo com que um corpo ausente se torne presente: “quero fazer representar-me através desta”, assim detalha o missivista.

Margor-Marly, pelo seu aniversário de 1972, ainda seria homenageada por Flávio que se declarou através de músicas oferecidas por uma rádio da cidade de Quixeramobim, no sertão central cearense, a sua amada. Vejamos o bilhete resgatado por Margor-Marly e o que ele pode nos dizer sobre essa declaração de Flávio:

Para [Margor-Marly] que recentemente aniversariou, desejando muitas felicidades, por este grato evento [Flávio] ofereci a música, 1) Parabéns, parabéns querida com – Cláudio Roberto 2) Distante dos olhos – Moacir Franco 3- Deixa o tempo correr – Odair José 4- Espere-me – Agnaldo Timóteo.

Quatro músicas ele seleciona para oferecer a sua amada e a primeira, “Parabéns, parabéns querida”, evidencia o mês em que possivelmente foi escrito esse bilhete, ou seja, um tempo em que “recentemente aniversariou” Margor-Marly, dezembro. Comparamos também, para datar o bilhete, o conteúdo da carta de dezembro de 1972, com o que consta na letra da primeira música que Flávio oferece.



Todas as evidências falam de um aniversário e da impossibilidade dos amantes estarem juntos nesse dia. Abaixo, trechos de “Parabéns, parabéns querida”, letra composta por Cláudio Fontana:

Cantamos juntos tantas vezes/ O aniversário desse nosso amor/ Hoje estou aqui sozinho/ Comemorando a minha dor/ Fomos amantes uma vida/ E essa data foi feliz prá mim/ Hoje estamos separados/Mas te amo mesmo assim/ Parabéns, parabéns querida/ Onde você estiver/ Parabéns por toda vida/ São os votos desse teu amor/ Parabéns, parabéns querida/ Eu não posso te esquecer/ Hoje é teu aniversário/ Que saudade de você.

Em síntese, podemos dizer que o amor de Margor-Marly e Flávio foi vivido intensamente de 1972 a 1974. Esse sentimento precisou ser materializado em cartas, bilhetes e memórias para que chegasse até nós. Das letras de músicas contidas no bilhete, o amor nos é apresentado com suas nuances e com isto “carrega as marcas do espaço e do tempo. Papéis culturais de homens e de mulheres” (RIOS, 2005, p. 9), inclusive os que foram atribuídos a Margor-Marly.

As cartas do Flávio remetidas a sua amada transpiravam em sensações, em sentimentos e quando não expostos por suas palavras recorria a uma letra de música que Margor-Marly gostasse. Muitas vezes com uma escrita marcada por saudosismos, quando não moralista, ressentia-se, longe de sua amada, as vezes encontrando-se “Distante dos olhos” do amante. A propósito, esse é o nome de mais uma letra de música, de Moacyr Franco, oferecida por Flávio a Margor-Marly pouco tempo depois que ela completou 22 anos em dezembro de 1972. Vejamos:

Porque é que esta lágrima corre tão fria/ E o inverno já foi?/Porque é que esta noite os meninos da rua/ Não vejo brincar?/Não sei porquê a alegria dos amigos de sempre/ Não me diverte mais e um me disse assim:/ Distante dos olhos, aos poucos esqueces/O amor que não dorme no teu coração./ Mas a quem eu mande levar-te uma rosa/ Pergunta se estou me esquecendo de ti./ Tão longe dos olhos, tão perto de mim/ Não há um caminho que não leve a ti.

Ora, se a letra da música, “Distante dos olhos”, que Flávio oferecera a Margor-Marly, insinuava entre outras coisas que ela não precisava se preocupar, pois ele não a esqueceria, sentia-a bem perto dele, e não havia caminho que não levasse a ela, a carta seguinte já é mais reticente quanto a essas certezas...

Tratamos do conteúdo da carta do dia nove de fevereiro de 1973: três meses depois das declarações de um amor indestrutível feita por Flávio a Margor-Marly, essa missiva de Flávio



parecia apontar outros caminhos possíveis que os dois amantes poderiam seguir. Vejamos: “Evidentemente, talvez você haja pensado que lhe esqueci, e que não gosto mais de você” (Carta datada de 09 Fev. 1973). Ele voltava a escrever depois de algum tempo, pois se abalou emocionalmente com algumas declarações de uma carta anônima que recebera.

O conteúdo dessa missiva não assinada difamava de alguma forma as jovens de onde morava Margor-Marly e, possivelmente, isso incluía a sua pessoa.

Se o mundo pintado pela carta e bilhete de dezembro de 1972 endereçados a figura de Margor-Marly era amoroso, saudoso e pacato, aliás, incluindo imagens de crianças e amigos de sempre numa rotina em um lugarejo, a carta de nove de fevereiro de 1973 estava “envenenada” por fuxicos, por fofocas desse mesmo mundo nem tão tranquilo assim.

O que continha na carta anônima, de fato não se sabe, mas vejamos o que ela surtiu na carta do Flávio:

Diante das revelações de uma outra carta anônima recebida, havia decidido que eu nunca mais iria procurar-lhes. Mas pensando longamente, refleti, que somente um dos prostituidores das mocinhas daí, um desajustado, um indivíduo desprovido do menor senso de dignidade humana, um aproveitador da fraqueza feminina, procederia desta maneira. Não eu. (...) confesso que fiz amizade consigo, mas o meu desejo não era apenas usufruir de seus carinhos (Carta datada de 09 Fev. 1973)

O lugar, que tão bem acolhera Flávio, também o vigiava e colocava a vida particular dos jovens amantes, solteiros, em evidência e sob o julgo da sociedade da época. Essa tinha modelos estabelecidos e Flávio sabia disso e se defendia: “meu desejo não era apenas usufruir de seus carinhos” e continua a se explicar: “Tenho coração que bate igual aos demais, tenho sensibilidade e sentimentos que não podem ser levados por qualquer um (...)” (Carta datada de 09 Fev. 1973).

Flávio explica que o acontecido entre ele e Margor-Marly foi necessário e era fruto de “algo misterioso, algo espontâneo, algo que foi se aprofundando, se evoluindo em um sentimento de amizade e êste em amor” (Carta datada de 09 Fev. 1973). Ele, rapaz de “sensibilidade” aguçada, homem de boas intenções, esclarecido, conforme se definia na carta, desejava mesmo, diz ele, era acordar Margor-Marly “para a realidade da vida”, ou talvez, envolvido em um ciúme despertado por uma carta anônima, queria mesmo era evitar que outrem desfrutasse dos carinhos de sua amada.



Ao mesmo tempo em que ele se defende ao se colocar num lugar de sujeito de boa conduta, que não intentava aproveitar-se da “fraqueza feminina”, profere acusações a sujeitos que “desmatriaram tão facilmente” as mocinhas do lugarejo em que vivia Margor Marly: “Tenho pena mesmo do desmatriamento dessas jovens. Pois da maneira como procedem sómente um lugar as esperam – A PROSTITUIÇÃO Que triste ofício!” (Carta datada de 09 Fev. 1973). Essas últimas palavras de Flávio foram suficientes para que Margor-Marly escrevesse uma carta mostrando-se insatisfeita com seus comentários. Ele voltaria a escrever explicando melhor sua confusa carta, defendendo a “dignidade” de sua amada:

Jamais algo me fêz provocar tanto desejo de estar ao seu lado, quanto êste após ler sua cartinha. Pois só pessoalmente poderia explicar-lhe, o real sentido de minhas palavras. Confesso entretanto, que houve um equívoco de interpretação, no conteúdo de minha carta, onde talvez você haja tomado os exemplos para si. Fique tranqüila, não houve nada demais, que viesse a comprometer a sua dignidade houve apenas engano de sua parte. (Carta datada de 28 Fev. 1973)

Pelo conteúdo da carta do Flávio, de nove de fevereiro de 1973, podemos imaginar que a carta anônima que ele se referia falava que as jovens do lugar em que morava Margor-Marly “se desmatriaram”, ou seja, estavam sendo desvirginadas e isso, segundo o entendimento do missivista, muito em voga na época, certamente as levaria a um único caminho que era “A PROSTITUIÇÃO”.

É possível percebermos, para além das cartas que nos foram doadas, modelos de condutas da época do romance vivido entre Margor-Marly e Flávio, quando do “baú” de nossa personagem principal encontramos uma única folha de um livro intitulado: “Modelos de cartas de amor”. Por esse indício, encontramos um livro de autoria de Dora Maria, contendo “mais de 150 modelos [de cartas] para noivos e namorados”⁴, em forma de uma “ficção-literária”⁵. Aqui esse livro será utilizado enquanto indício de sensibilidades de uma época.

⁴ Cf. MARIA, 1958. A referência completa dessa “ficção-literária” que aqui, também utilizaremos como fonte, se encontra no final do texto, mas, queremos adiantar que a versão que portamos não tem data de publicação, apenas a data de quando foi autorizado a publicar: 4/ 11/ 1958. Ainda sobre este livro encontramos alguns de seus exemplares sem data e apenas um datado, do ano de 1965, em sebos de livros na internet.

⁵ Sobre essa questão cf. PESAVENTO, 2008, p. 91-146.



Muito do conteúdo das cartas de Flávio se assemelham aos dos “150 modelos” que trazem um teor moralista, inclusive tratando da questão da virgindade e das ditas: “ingenuidade” e “fraqueza feminina”. Vejamos um exemplo:

Não sou uma mulher livre para a felicidade, porque trago comigo, oculta de todos, a mágoa imensa de ter enveredado pelo caminho enganoso da vida que um dia busquei, orientada pela eterna ingenuidade feminina, guiada pelo que me parecia a completa realização humana: um grande amor. E falhei. O caminho era incerto e logo nos primeiros passos verifiquei o tremendo êrro cometido, sacrificando em plena juventude uma existência inteira, marcada pelos cruéis espinhos que me dilaceraram a carne! (MARIA, 1958, p. 25-26)

Esse conteúdo supracitado se assemelha às preocupações que permearam as correspondências de Flávio à Margor-Marly, no ano de 1973, ela se preocupou com sua dignidade, que de fato, estava atrelada à questão da sua virgindade, e ele se preocupava em se defender, como consta na resposta dada por Flávio a Margor-Marly.

Margor sabia que a sociedade em que vivia, que incluía, no mínimo, seus pais e namorado católicos⁶, mais os autores de uma “carta anônima”, iriam cobrar dela uma postura modelo, um nome a zelar, inclusive o seu e dos seus entes queridos.

Das linhas que tracejam os papéis de cartas se definem papéis de homens e mulheres, semelhantes aos contidos no livro de Dora Maria. Eis mais um fragmento de um modelo de carta:

Os homens podem dar-se ao capricho de serem versáteis em matéria de amor; as mulheres, não. Se buscam muitas vezes a felicidade do ideal que lhes é negado e fracassam, caem inapelavelmente no conceito da sociedade, as mais das vezes não conseguindo reerguer-se, como dantes (Dora Maria, 1958, p. 22).

Que futuro se configurava para Flávio e Margor-Marly? Eles se casariam, teriam filhos e viveriam em Quixadá, vendo as crianças brincando nas ruas, convivendo e desfrutando das amizades de sempre, como aquela realidade representada nas músicas que Flávio outrora

⁶ Na época o conservadorismo católico ditava regras de moral e boa conduta para a sociedade e, dentre elas, a conservação da virgindade até o casamento, requisito básico, especificamente para as mulheres.



oferecera a sua amada? Isso, ainda não é possível saber. Então, sigamos os rastros que eles deixaram de sua história!...

As páginas que encontramos do livro de Dora Maria, sem data, no “baú” de Margor-Marly são as 69 e 70, e em um fragmento de carta modelo faz-se referência a um caso específico: “Reprovando a conduta de uma jovem e propondo reabilitá-la”. Isso se assemelha a proposta de Flávio em sua carta de nove de fevereiro de 1973, onde ao pedir desculpas por suas palavras agressivas a Margor-Marly, avisa que seu “desejo não é êsse e sim tentar acordar-lhe, para a realidade da vida.”

Possivelmente esses modelos de cartas serviam também como manuais de postura, de boas maneiras, e circularam entre os missivistas nos tempos da jovem Margor-Marly. Se das suas mais de quarenta cartas só temos apenas uma, que ela era remetente, outrora talvez possamos imaginar quais dos 150 “Modelos de cartas de amor” de Dora Maria, ela pode ter utilizado na escrita de suas missivas.

O fato é que o teor das cartas de Flávio para Margor-Marly mudou, pois elas ficaram mais objetivas e frígidas, se comparadas às primeiras que ela recebia, outros ventos sopravam a relação desses jovens, e ele, especificamente, não deixava de aconselhá-la: “Olhe [MARGOR-MARLY] não desista, pois a mulher em nossa época só consegue alguma coisa, quando se torna independente”. Isso, dito por uma carta datilografada, escrita em tons formais, em um papel que continha o timbre da empresa em que o remetente trabalhava. A carta foi enviada no dia dezesseis de março do ano 1974; Margor-Marly já estava grávida, dois meses de gestação, esperando um filho de Flávio.

A situação estava posta: solteira e grávida, esperando um filho de um homem que a aconselhava se tornar “independente” em março de 1974. Seus familiares se mudariam para o município de Quixadá, para evitar que redes de boatos afetassem Margor-Marly. Ela andava preocupada com sua relação há algum tempo, triste e pouco otimista, conforme carta de vinte de março do ano 1973.

Não sabemos se ela paginou, na época em que engravidou, os “Modelos de cartas de amor”, mas, digamos que sim, e apenas como exercício, imaginemos por um instante que ela tenha pedido conselhos a uma amiga, em março de 1974. O que ela diria a sua amiga?



Recorro a você na mais dolorosa situação de minha existência. Sempre fiz você a minha querida confidente... Compreendo que fui louca, entregando-me ao meu namorado completamente indiferente às conseqüências do meu gesto. E as conseqüências foram tremendas, minha amiga. Estou esperando um filho e não sei o que vou fazer nesta situação. Penso em deixar a casa de meus pais e partir para outro Estado, mesmo sem saber o que vá fazer por lá. (MARIA, 1958!, p.130)

Sabemos que ela de fato recebera palavras de conforto de uma amiga sua, Francisca, que bem poderiam ser ditas em março, mas, de 1974:

Olhe reze muito e peça a Deus para lhe ajudar em todos os seus problemas. E não se desanime, pois se êle tiver de ser seu um dia será. Não adianta ficar triste e nem se preocupar, divirta-se, passei e brinque a vontade. Seja otimista, nada de pensar o que é ruim, e sim tudo de bom. Desejo-lhe uma felicidade completa, e que realize todos os seus sonhos. (Carta datada de 20 Mar. 1973)

Uma nova vida começava com sua gravidez em janeiro do ano 1974. Seu primeiro filho nasceu no dia quinze de outubro desse mesmo ano, recebendo como nome: Flávio, agora Júnior, em homenagem a uma época, a um amor, ao seu pai. Sua mãe, ao engravidar passou por momentos imprevistos em seus projetos na mocidade, que incluía o julgo das pessoas sobre suas condutas, as de uma mãe solteira, no lugarejo em que ela nascera. Um lugar marcado por velhos laços de parentescos e relações de vizinhanças, relações personalizadas e marcadas, em grande medida, por valores religiosos.

Se ao engravidar pensou em se mudar “para outro Estado” não sabemos, mas ela iria deixar seus pais entre setembro e outubro de 1976 partindo de sua terra natal rumando a São Paulo; deixando para trás uma história, memórias, e levando em sua bagagem uma imensa saudade de seu filho que ficara com dois anos de idade, aos cuidados de seus familiares.

A ida de Margor-Marly a São Paulo foi marcada por sentimentos, por sensibilidades que, na verdade, poderia se situar “em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade” (PESAVENTO, 2008, p. 92). Na realidade, ao seu filho ela atribuiu, em entrevista, à questão central “de tudo isso aí”, de toda uma história de precisar ir a São Paulo, para conseguir um futuro melhor para ele e ela; assim acrescentou ao falar sobre as razões de sua partida. A dor do parto foi imensa e contribuiu para mudar a sua vida!



Ora, depois de pensarmos todo um momento que antecede a emigração de Margor-Marly para a capital paulista, entendemos que não era exatamente “do nada” que ela queria nos dizer que foi para São Paulo, pois teve todo um “contexto” – um conjunto de necessidades e experiências de vida que acumulou – que a fez enfrentar essa cidade. Isso inclui a necessidade de se mudar, respirar outros ares e voltar transformada.

Talvez as cartas, os escritos de uma época em que antecede a emigração de Margor-Marly para São Paulo possa nos ajudar a rastrear sensibilidades, a problematizar estudos sobre os deslocamentos populacionais, ou quem sabe nos ajude mesmo a re-constituir os caminhos possíveis da migração, as vezes tão insensível, sem emoção, frígido quando visto por estatísticas; e mais, nos propicie compreender, a análise de correspondências, os sentimentos de um “outro”, um estranho, que é exatamente um passado que não vivenciamos!

Referências Bibliográficas

- ALEXANDRE, Marcos. Representação Social: uma genealogia do conceito. **Comum** (Rio de Janeiro), v.10, n° 23, p. 122 a 138 - julho / dezembro 2004. Disponível em: <www.sinpro-rio.org.br/imagens/.../marcos-alexandre/Artigo7.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2011.
- BARTHES, Roland. **Fragments de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. **Capistrano de Abreu e a correspondência feminina**. Fortaleza, Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CERTEAU, Michel de. **Operação histórica**. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. **História: novos problemas**. Fco Alves Rio de Janeiro. 1998.
- FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória Social: novas perspectivas sobre o passado**. Lisboa, Editora Teorema, s.d.
- GOMES, Ângela de Castro. **Escritas de si, escrita da história**. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.
- MARIA, Dora. **Modelos de Cartas de Amor: Mais de 150 Modelos Para Noivos e namorados**. Rio de Janeiro, Editora TECNOPRINT. Autorização n.º 403, Portaria n.º 1994 de 4/ 11/ 1958.
- PESAVENTO, **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.



RIOS, Kênia Sousa. **Coisas do amor**: memórias de uma exposição no Museu do Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretária da Cultura o Estado do Ceará, 2005.